

Caminhos e descaminhos da pesquisa em educação

Jean Lauand¹

Resumo: Notas de uma conferência (3-10-2013) sobre metodologia da pesquisa para o “Ciclo de Palestras: A Pesquisa no PPGE” do Programa de Doutorado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo (complementada por conferência – 11/02/2014 – no XV Seminário Internacional Filosofia e Educação CemorocFeusp-IJI Univ Porto). Apresenta princípios teóricos e exemplos de aplicações em pesquisas realmente realizadas.

Palavras Chave: Metodologia da pesquisa; pesquisa em educação.

Abstract: Notes of a lecture (Oct. 3, 2013) on methodology of research for the “Ciclo de Palestras: A Pesquisa no PPGE”, in the Universidade Metodista de São Paulo doctoral program in Education (complemented by another lecture – Feb. 11, 2014 – in the XV Seminário Internacional Filosofia e Educação (Cemoroc Feusp-IJI Univ Porto). It presents some theoretical principles and examples of applications in real researches.

Keywords: Methodology of research; research in education.

A pesquisa da realidade humana

Em primeiro lugar, quero agradecer às organizadoras, Profas. Leila Alves e Zeila Demartini, pelo honroso convite para proferir esta conferência.

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. A *physis* e a realidade humana gostam de se esconder.

E só podemos pesquisar sobre o que está oculto. Especialmente a realidade humana – estamos interessados em antropologia filosófica e em educação – não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem... ? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

A pesquisa tem por objeto algo oculto

Cada um de vocês tem um tema de pesquisa e busca algo oculto, porque se for manifesto não há pesquisa. Infelizmente, dada a enxurrada da indústria de diplomas, ocorrem hoje muitas pseudo-pesquisas – em artigos, dissertações e teses –, algumas precisamente voltadas para o que **não** está oculto.

É o caso, por exemplo, de alguém que dedicasse uma dissertação de mestrado a investigar se o professor de língua portuguesa promove mais a leitura em seus alunos do que os de outras disciplinas. E conclui com o que já era óbvio: o professor de Português promove mais a leitura do que o de Educação Física ou de Química Orgânica...

¹. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

Questionários e entrevistas – não sabemos o que sabemos

E a demonstração “científica” dessa obviedade é feita por procedimentos nem sempre apropriados: amostras precárias, questionários mal formulados seguidos de gráficos de “pizza” para dar aparência de credibilidade, protocolos de comissões de ética etc. O importante é encadernar a dissertação e, se for o caso, tentar uma revalidação no Brasil²

Mas, voltemos aos métodos de pesquisa. Claro que questionários e entrevistas podem ser legítimos e valiosos instrumentos, mas seu uso requer certos cuidados. O primeiro e o mais importante é ter em conta que, em muitas situações, *o entrevistado não sabe o que realmente ele pensa sobre o que é indagado* (o que, talvez, para sua própria surpresa, só venha a descobrir em situações extremas, totalmente alheias ao ambiente da entrevista³).

Discutindo esse critério, certa vez perguntei em classe: Você tem medo da morte? Algumas alunas, cristãs convictas, apressaram-se em responder: Não (quem segue a Jesus Cristo não teme nada etc.). Procurei lembrá-las da experiência da igreja primitiva, a igreja dos mártires. A experiência dos *lapsi*: cristãos que presunçosamente tomavam a iniciativa de desafiar abertamente a autoridade imperial, apregoando que não iriam sacrificar aos deuses, e acabavam por vergonhosamente renunciar à sua presunção... A Igreja logo percebeu a auto-enganação e proibiu essa ingênua e desastrosa prática. E o próprio Cristo suou sangue no Horto...

Pensar em termos abstratos é uma coisa; outra, bem diferente, é como dizem os ingleses: “the real thing”, a hora da verdade. É muito fácil cantar na arquibancada: “Nem teme quem te adora a própria morte”, ou no hino do exército: “Se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos com valor” (já a clássica paródia, menos idealizada, diz: “Se a pátria amada precisar da macacada, p#m#que c#...”).

Não só nas grandes questões existenciais ignoramos o que nós próprios pensamos; o mesmo ocorre em outras grandes, médias e pequenas opiniões. Ainda recentemente, víamos diariamente o homofóbico Dr. César Khoury (personagem de Antonio Fagundes na novela “Amor à Vida”) reiterar – sinceramente – que não tinha nenhum preconceito contra homossexuais (só não tolerava os gays que o cercavam: o filho Félix e seus funcionários com essa orientação).

Tomemos também o caso da proibição de sacolas plásticas descartáveis na cidade de São Paulo. Em janeiro de 2011, recém implantada a lei que baniu as sacolinhas dos supermercados, pesquisa do Datafolha revelou que 57% dos entrevistados eram a favor da medida, ou achavam que eram... Em maio do ano seguinte, os mesmos paulistanos, agora 69%, tendo sofrido as consequências, esqueceram-se do planeta, do meio ambiente etc. e exigiram seu confortável saco plástico de volta, o que realmente aconteceu. (www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/44248-69-querem-sacolinha-de-volta-aos-supermercados.shtml)

E os casos mais contundentes: pesquisas sobre a questão “Existe um filho preferido na sua casa?” dão cerca de 100% de não, quando os entrevistados são os pais; e 100% de (também sinceríssimos) sim, quando os entrevistados são irmãos. Ou aquela outra enquete para uma mesma amostra de entrevistados: “Você já sofreu violência no trânsito?” (90% de sim) - “Você já causou violência no trânsito?” (95% de não)...

². Sempre fico me perguntando que especial especialização haverá no Paraguai, que leva centenas de brasileiros – não da fronteira, mas de regiões distantes – a cursarem caros mestrados em Educação lá...

³. Exemplificamos, a seguir, com o medo da morte: lembro-me que, para minha surpresa, tive uma revelação sobre o que realmente pensava sobre isso, quando um ladrão encostou um 38 em minha testa...

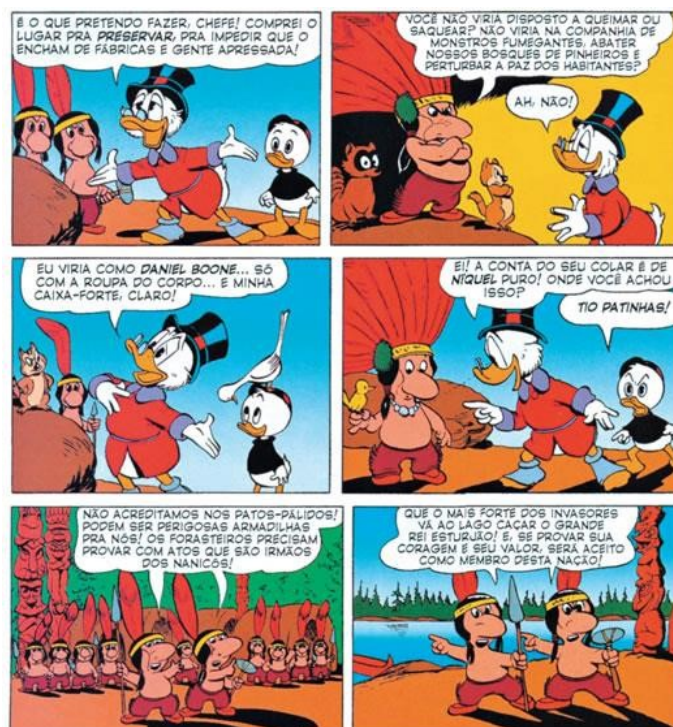
Forçando o oculto a aparecer

Tomemos um problema concreto, que pesquisei em artigo para a Revista Língua Portuguesa (No. 9, julho 2006 cf <http://www.jeanlauand.com/page58b.htm>): como o jovem brasileiro de hoje lida com a língua em relação ao jovem do meu tempo, há 50 anos atrás.

Claro que temos que tomar todos os cuidados metodológicos ao falar, genericamente, em “o jovem brasileiro de hoje”, “lidar com a língua” etc. Mas, felizmente, pude encontrar um objeto concreto que permitia obter alguns resultados: uma história em quadrinhos, *Tio Patinhas e os índios Nanicós*, um clássico “ambientalista” de Carl Barks, publicada no Brasil em 1958 e reprisada – com os mesmos desenhos, mas com novos textos em cada caso – em 1967, 1982, 1988 e 2004. Nesses textos de HQ, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, flagrar sua linguagem, em cada caso. Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

Entre 1958 e 2004, por exemplo, cai a presença dos pronomes oblíquos. A fala de Donald “Peguei-o em flagrante” (1958), torna-se “Peguei você em flagrante” (2004). E o futuro simples (ficaremos) de 58 vira composto (vamos ficar) depois. Há mudanças nas vigências sociais: em 58, Huguinho, Zezinho e Luizinho chamam Donald de “senhor”; em 2004, de “você”.

Teria sido um disparate tentar obter os mesmos resultados aplicando questionários a sessentões, perguntando sua opinião sobre a linguagem dos jovens de sua época e a dos de agora...



Uma regra da hermenêutica para textos de outra época/cultura - hino do Flamengo

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra de hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas

vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...!). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigências* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao “*por suposto*”, “*taken for granted*” –, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante saltos lógicos e brechas que – *para nós* – o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: “O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus” e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: “A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante”. Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível!

Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “- Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo em um colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigência* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigência* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “- Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Como dizíamos, por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, com que exemplificaremos este tópico: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” (cf <http://www.hottopos.com/notand23/P47a50.pdf>)

O hino do Flamengo, no site oficial do clube, diz:

Uma Vez Flamengo
Sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo,
Flamengo até morrer
Na regata ele me mata, me maltrata,
me arrebatava de emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado
Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse

O Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra, muita libra,
já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time. no verso composto há 70 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra ou atitude, mas ainda se compreende a palavra “fibra”), mas que raios: é pesar libra: “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou*!” É o caso de uma revista de educação, que sugere aos professores a análise de hinos dos clubes – e expressamente o do Flamengo – como atividade escolar, com propostas de plano de aulas: “Leia a letra para os alunos e questione sobre o que entendem quando alguém diz vencer, vencer, vencer... uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Deixe que falem o que sabem. Etc.⁴”. Mas a revista se omite sobre o que o mestre deve fazer quando os alunos levantarem a espinhosa questão: o que significa “pensar libras”?

Também na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o verso é cantado: “muita libra já pensou” e parece sugerir uma interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetra-campeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques do Fla: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que propus pareceu correta ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFE-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei). “Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

⁴<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/hinos-brasileiros-produto-cultural-427334.shtml>
Acesso em 05-10-13.

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem. Por exemplo, nos Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200m, k4 1000m e k4 500m. Na categoria k2 200m, Bruna e Ariela também chegaram na frente na disputa final, mas, no tira teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libras) abaixo do limite de peso!

“Compreender”

Josef Pieper, precisamente em seu estudo *Verstehen*⁵ (compreender), começa por indicar uma outra importante regra metodológica: uma palavra está sendo empregada em seu sentido próprio, somente quando não pode ser substituída por outra (por nenhum de seus sinônimos) sem alteração de sentido. Se, digamos, *casa*, *lar*, *residência*, *domicílio* etc. apontam para uma mesma e única realidade objetiva (o edifício da Rua Tal, No. tal), cada um daqueles sinônimos enfatiza um aspecto determinado, insubstituível em certos contextos: não se pode dizer, por exemplo, “residência, doce residência!”, nem a prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar...

E aplica esse critério à própria palavra “compreender” (*verstehen*) para determinar seu sentido próprio. De fato, na linguagem comum dizemos que “compreendemos uma língua estrangeira”, que “compreendi as instruções de funcionamento desse aparelho eletrônico” etc. No entanto, somente reparamos no conteúdo semântico (e humano, existencial) próprio do “compreender” – a apreensão não somente do **algo**, do conteúdo objetivo de uma mensagem (o que se pode expressar por um sinônimo como “entender”), mas também de um **alguém** pessoal, vivo e concreto, que a emitiu – quando verificamos que há certos contextos de linguagem – como quando dizemos: “Não quero dinheiro, mas compreensão” – nos quais o vocábulo “compreender” não se deixa substituir, sem alteração de significado, por nenhum “sinônimo”.

Nessa mesma linha do compreender como método, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!) uma contundente e necessária indicação:

O método? Sentir, como se fossem minhas, as tuas dores. [...] Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever⁶

Para aprofundar no sentido do “compreender” – da captação que envolve não só o “algo”, mas o alguém –, comecemos por contrastar as ciências humanas com as que não comportam o uso desse recurso metodológico.

Mais do que o objeto de estudo, o que diferencia as ciências é o particular ponto de vista sob o qual elas tratam esse objeto: cada ciência assume seu enfoque e todo o resto não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Bioquímica etc. Tomemos um clássico problema de Física:

⁵ *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, pp. 1 e ss.

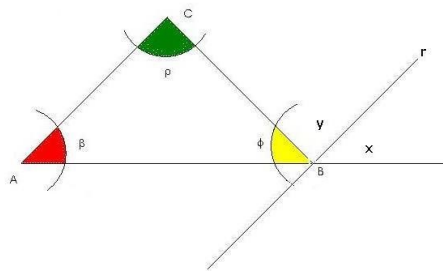
⁶ Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

Um corpo de massa 20 kg é abandonado, verticalmente, a partir do repouso de uma altura de 15 m em relação ao solo. Determine a velocidade do corpo quando atinge o solo. Dado $g = 10 \text{ m/s}^2$. Despreze atritos e resistência do ar.

Esse problema pode muito bem referir-se ao humano (o homem, afinal, tem um corpo, com uma massa...), digamos à suspeita de assassinato de uma menina pelo pai. Mas, de seu ponto de vista, a Física ocupa-se somente de mgh e mv^2 , de energias potencial e cinética, de velocidades e acelerações etc., e não de intenções e motivações: se se trata de homicídio culposo ou doloso; ou talvez de um acidente etc.

O objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista⁷ condicionam, obviamente, sua metodologia: de que servem, digamos, a *verstehen* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? (E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física - ao contrário da matemática - requer um laboratório; etc.)

À matemática só interessam demonstrações, tipicamente pelo método axiomático. Por exemplo, consideremos um teorema elementar de Geometria: A soma dos ângulos internos de um triângulo qualquer é sempre 180° .



- 1- Construir um triângulo ABC qualquer
 - 2- Construir a reta r passando por B paralela ao lado AC
 - 3- O ângulo x é congruente a β (correspondentes)
 - 4- O ângulo y é congruente a ρ (alternos internos)
- Como $\phi + x + y = 180^\circ$, por 3 e 4, concluímos
 $\phi + \beta + \rho = 180^\circ$

Evidentemente, a demonstração desse teorema, é um problema estritamente de lógica dedutiva: seria puro *nonsense* pretender, digamos, uma compreensão empática do triângulo: como ele se sente; seus sofrimentos, alegrias e traumas, suas expectativas e motivações, qual dos três ângulos é o seu predileto etc.

Ainda para continuarmos com exemplos bem simples, em um estudo procurei mostrar que S. Expedito nunca existiu (cf <http://www.hottopos.com/convenit10/19-26Jean.pdf>). A especialidade desse santo, como o próprio nome indica, é a resolução rápida, urgente das causas a ele confiadas. A devoção a S. Expedito é recente e dá-se de modo fortemente predominante no Brasil. Ao discutir sua existência histórica, valime de uma compreensão (bastante elementar) do sentir de Agostinho e outros Padres da Igreja.

Comecemos pela historieta sobre Expedito.

⁷ Além, é claro, das diferentes teorias, concepções, paradigmas dentro de uma mesma ciência...



A lenda diz que ele era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopéia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja conhecem e comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*), mas **sem** mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiantamentos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos “predestinados” de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.). E, claro, Expedito seria um caso exemplar nesse sentido.

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “cras, cras”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles a voz do corvo: “cras, cras”. (...) Até quando ficarás no cras, cras...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “cras, cras”, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estrear esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, o que, além do mais, melhoraria muito a história.

O anti-exemplo, sim, Agostinho, tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até mesmo a dirigir a Deus a oração do *cras*: “Dai-me a castidade, mas não ainda, pois temia que me atendesse muito depressa e que me curasse logo a doença, que eu mais queria saciar do que extinguir.” (*Confissões* Cap. VI).

Trabalhando com tipos – “o brasileiro”, Keirsey e Jung

No começo de 2013 enfrentei um desafio interessante: uma conferência sobre “o brasileiro”, para cerca de 30 graduados americanos, bolsistas da Fulbright, recém-chegados ao Brasil (texto em: <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>).

É preciso muito cuidado ao lidar com tipos: naturalmente, falar de “o brasileiro”, assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Para falar de “o brasileiro” – são necessárias as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda.

Nesse sentido, pareceu-me oportuno fazer o tipo remeter a certas “constantes”, sobretudo voltando àquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, mais observáveis. Um exemplo de *vigencia* (alimentar) é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para obter seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a *vigencia* alimentar impôs até o nome de “*café* da manhã” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina.

A *vigencia* é mais observável e, para a “introdução ao Brasil”, vali-me do caso da mobilização de torcedores corintianos para a final do campeonato mundial de clubes da Fifa, no Japão, em dezembro de 2012.

Ciente da realidade do choque cultural e preocupado com os imensos problemas (diplomáticos, policiais etc.) que os cerca de vinte mil torcedores que se dirigiam ao Japão poderiam sofrer por conta das diferenças de cultura, a representação diplomática do Brasil no Japão publicou um Guia, o “Guia do Torcedor” (<http://www.consbrasil.org/evento/GuiaTorcedor.pdf>), facilitando informações básicas para orientar o “bando de loucos” e adverti-los do risco de ignorar as *vigências* do país que os recebia.

A realidade sociológica se impõe e não se pode brincar com assunto sério e o Guia termina de modo ameaçador:

gorjeta e não na 10% nas contas de restaurantes e bares.



O QUE O CONSULADO PODE E NÃO PODE FAZER PELO BRASILEIRO
A função do Consulado é atender os brasileiros no país zelando pela sua segurança e bem-estar, prestando assistência aos desvalidos e providenciando a impressão de passaportes perdidos ou danificados. O Consulado não pode assumir dívidas de brasileiros, emprestar dinheiro, pagar a contratação de advogados, retirar detidos das delegacias e prestar informações de natureza turística ou de serviços. Os telefones do plantão consular estão na página 21.

15

Por detrás da seriedade do Guia (documento referendado pelo selo do Ministério de Relações Exteriores) e suas advertências, pressente-se um toque do lúdico brasileiro em seu autor (há impagáveis ícones, como o que instrui o torcedor a não pular em cima dos assentos do estádio).



Esse manual parece endossar que “o brasileiro” se enquadra no tipo ESFP, um dos dezesseis tipos de temperamento da teoria do psicólogo norte americano David Keirsey.

É necessário frisar que esses tipos (pessoais ou “nacionais”) são destituídos de qualquer carga de valor: não é melhor nem pior ser ESFP ou INTJ; ser NF ou SJ; etc. Em todos e cada um deles pode-se ser gênio ou tolo; santo ou pecador etc. E todos têm suas qualidades e disfunções “típicas”... E, sempre lembrar, que se trata de um tipo e não da realidade em si.

Keirsey, que aproveita e modifica as ferramentas teóricas dos *Tipos Psicológicos* de Jung, trabalha com 4 pares de preferências, que dão origem a 4 tipos de temperamento e 16 subtipos.

Assim, seguindo as abreviaturas de Keirsey, “o brasileiro” (nossas *vigencias*) é fundamentalmente P, enquanto o japonês é tipicamente J. A oposição J/P corresponde à preferência pelos procedimentos estabelecidos, determinados, agendados, previstos, planejados, fechados (preferência J) em oposição ao *easygoing*, aberto, indeterminado, que configura a preferência P.

Só com enunciar esse par keirseano, já se vê imediatamente que o famoso “jeitinho” brasileiro, a capacidade de improvisação que sempre encontra uma solução para situações insolúveis, tem um componente essencial no fator P: prevalecer a solução improvisada, à margem da norma ou da lei. Uma avenida com quatro pistas subitamente passa a ter três: os motoristas da quarta pista, com a maior naturalidade, se arranjam com os da quinta e tudo se resolve sem maiores dificuldades (o que em outros países seria um problema de proporções enormes).

De passagem, note-se que um interessante indicador de nossa linguagem do jeito é o uso de “meio”, em expressões como: “É meio contra-mão, mas, nesta hora da noite, tudo bem”. O motorista nem sempre respeita a faixa; o pedestre nem sempre atravessa pela faixa (em todo caso, simula dar uma corridinha, como mostra de boa vontade...).

A abertura do Guia é já uma advertência de que o “japonês” é muito distinto do “brasileiro”:

“o japonês não lança mão de artifícios para resolver problemas. Não existe o ‘jeitinho brasileiro’ no Japão. Os transportes são pontuais, os hotéis só atendem com reserva e os restaurantes não mudam seus pratos a gosto do cliente.”

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

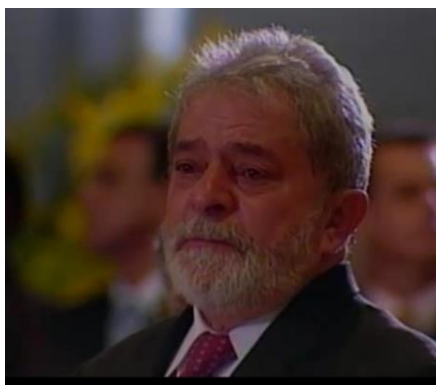
“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas. Now, thoughts and ideas, that’s what interests me. (...) and I think I am fine”

A diferença F x T aparece claramente nos estilos dos presidentes Lula e Dilma, respectivamente. Quando morreu o vice-presidente José de Alencar, ambos antecipam apressadamente a volta do exterior e chegam juntos ao velório do amigo, muito querido de ambos. No caso de Lula, emoção e sentimento a jorros; Dilma, permanece contida e discreta. Cf: https://www.youtube.com/watch?v=T_Ip1TjyZpw

Ambos gozavam de altos índices de popularidade: Lula identificando-se com a vigência F do brasileiro; Dilma, vista como a gerentona T que pode implacavelmente endireitar este país...





O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc.

Manejar esses tipos de fatores ideais junguianos e kerseyianos, como quaisquer tipos bem construídos, pode ser metodologicamente muito fecundo, desde que se tomem os devidos cuidados.

Muito obrigado.

Recebido para publicação em 02-01-14; aceito em 28-01-14